



Sensibilizando para a acessibilidade: um Projeto Didático sobre as deficiências auditiva, física e visual

Livia Marques Brandolt

livia.brandolt@hotmail.com

Letícia Soares Fonseca

leticia.soares97@outlook.com

Marcos Becker Larivoir Esteves

mlarivoir@gmail.com

Gabriel Otávio Rocha Benfica

gabrielbenfica100@gmail.com

Flaviana Tavares Vieira Teixeira

flaviana.tavares@ufvjm.edu.br

Resumo

O presente estudo é caracterizado como uma Atividade de Extensão em que foram realizadas ações relacionadas à acessibilidade, como uma forma de proporcionar experiências que são comumente enfrentadas por pessoas com deficiência física, auditiva e visual. No que diz respeito à metodologia, foram elaboradas dinâmicas para cada tipo de deficiência, a fim de envolver os participantes, com a finalidade de sensibilizar em relação às deficiências e promover empatia. No final, foi observado, nos participantes, uma maior empatia às pessoas com deficiência e uma conscientização sobre a importância da acessibilidade, para que seja possível integrar, ainda mais, as pessoas com deficiência. Ainda são muitos os desafios para a acessibilidade das pessoas com deficiência, mas projetos como esse contribuem para despertar uma maior conscientização e sensibilizar a sociedade para minimizar as barreiras relacionadas à acessibilidade.

Palavras-chave

Acessibilidade; Sensibilizar; Extensão Universitária.



1. Introdução

Quando estudamos a história e a trajetória de conquista das pessoas com deficiência ao longo dos anos, notamos que o processo de incapacitação pregado pela sociedade está diretamente relacionado à falta de conhecimento e compreensão a respeito do tema. No Brasil, um dos principais reflexos desse sistema de preconceito está relacionado a um dos meios que possibilita a inclusão dessa população na sociedade: a acessibilidade (VILLAROUCO, 2011). A acessibilidade é definida, por muitos, como possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de edificações, espaços, mobiliário, equipamentos urbanos e elementos (ABNT, 2004).

Segundo a ONU, no mundo, há aproximadamente 500 milhões de pessoas com deficiência. Dessa população, de acordo com dados do Censo Demográfico de 2000, 24,5 milhões de brasileiros se enquadram nesse grupo, correspondendo a 14,5% da população (NERI, SOARES, 2004). Para garantir que essas pessoas tenham acesso igualitário de direito dentro de suas limitações na sociedade, a partir da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, de 2008, fundamenta-se a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Também chamada de Estatuto da Pessoa com Deficiência, a referida Lei afirma, em seu Artigo 1º, que a mesma é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015).

Dessa forma, muitos projetos de lei foram implantados com a finalidade de defender e proteger, por direito, indivíduos portadores de deficiência. Entretanto as dificuldades encontradas ainda são muitas, como barreiras arquitetônicas e atitudinais que impedem a livre circulação, bem como a promoção e a garantia de igualdade social (BRASIL, 2005).

Aparentemente, parece haver uma ausência de solidariedade, indiferença e desinformação de muitas pessoas para com as pessoas com deficiência. As dificuldades encontradas por deficientes, a exemplo de deficientes físicos, e a importância do apoio social possuem relação direta com a interação social entre o indivíduo e a sociedade, de modo a limitar o nível de diversidade de participação que essas pessoas podem desenvolver na sociedade (HOLANDA et al., 2015). Deficientes visuais podem enfrentar dificuldades com orientação e obstáculos, por isso é importante explicar a direção a seguir e orientá-los sobre obstáculos no caminho. Já com estudantes cadeirantes, foi constatado, por relato, que a colaboração e a solidariedade do outro é fundamental para amenizar a ausência de certas adaptações (OLIVEIRA, 2013). Dessa forma, é extremamente importante a colaboração e o auxílio de outras



peessoas para que esses indivíduos possam participar plenamente dos contextos que estão inseridos.

Diante das questões que abrangem a falta de acessibilidade, foi elaborado o Projeto “Sensibilizar para a Acessibilidade”, que teve como objetivo sensibilizar as pessoas em relação às deficiências e à falta de acessibilidade que são enfrentadas, diariamente, por pessoas com deficiência.

2. Metodologia

O presente trabalho trata-se de um Projeto de Extensão em que foram realizadas ações tanto com estudantes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) quanto com a população de Diamantina e da região, para que vivenciassem experiências comumente enfrentadas por pessoas com deficiência, a exemplo: cadeirantes e deficientes auditivos e visuais.

Foram selecionados três tipos de deficiência como principais para o desenvolvimento das atividades, sendo elas a visual, a auditiva e a motora. Os membros do Projeto se dividiram em grupos, com o intuito de pesquisar sobre as deficiências e as principais dificuldades enfrentadas no quesito acessibilidade. A partir disso, desenvolveram dinâmicas que proporcionam, aos participantes, uma vivência das dificuldades devido à falta de acessibilidade, com a finalidade de criar um sentimento de empatia para com as pessoas que possuem barreiras relacionadas a essas dificuldades na sociedade. A partir desse processo, as organizações das dinâmicas ficaram configuradas da seguinte forma:

Deficiência Visual:

O Decreto 5.296/04 considera que indivíduos que possuem cegueira; acuidade visual igual ou menor a 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; somatória da medida do campo visual, em ambos os olhos, igual ou menor a 60°; ou ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores são enquadrados como pessoas com deficiência visual (BRASIL, 2004).

Pensando nisso, foram elaboradas dinâmicas em que as pessoas deveriam estar com os olhos vendados, para que utilizassem outros sentidos além da visão, para realizar a atividade proposta.

Dinâmica 1 - Caixa surpresa: o participante estava com os olhos vendados e foi orientado a retirar um objeto da caixa. Ainda com os olhos vendados, o participante teve que identificar o objeto apenas pelo tato e descrever suas características (Figura 1).



Figura 1: Dinâmica 1 - Caixa surpresa.
Fonte: elaboração própria.

Dinâmica 2 – Passeio cego: a dinâmica foi realizada em um local aberto. Dividiu-se os participantes em duplas, sendo que um estava vendado, enquanto o outro não, sendo o guia. O guia tinha a função de garantir a segurança do participante vendado ao andar pelo local. Ambos os participantes passaram pela função de guia e de guiado. No final, os participantes relataram como foi a experiência (Figura 2).



Figura 2: Dinâmica 2 - Passeio cego.
Fonte: elaboração própria.

Dinâmica 3 – Desenho cego: os participantes receberam papel e caneta. Foram orientados a escrever o nome, desenhar uma árvore e escrever de 1 a 10. Ao final, todos mostraram o resultado e relataram suas experiências e dificuldades (Figura 3).



Figura 3: Dinâmica 3 - Desenho cego.
Fonte: elaboração própria.



Deficiência Física:

O Decreto 5.296/04 considera que indivíduos que possuem alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia ou ostomia, bem como os que possuem amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções, são enquadrados como pessoas com deficiência física (BRASIL, 2004).

Dessa forma, elaboramos dinâmicas para simular atividades diárias comuns, que se tornam difíceis ou devem ser adaptadas para pessoas com deficiência física.

Dinâmica 4 – Atividades diárias: o participante com cabelo longo foi solicitado a tentar prender o cabelo com o elástico em apenas uma mão. Outra opção foi tentar colocar um colar com a mesma regra. Calçar um sapato e tentar amarrar o cadarço com uma mão também (Figura 4).



Figura 4: Dinâmica 4 - Atividades diárias.
Fonte: elaboração própria.

Deficiência Auditiva:

O Decreto 5.296/04 considera que indivíduos que possuem perda bilateral, parcial ou total de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz, são enquadrados como pessoas com deficiência auditiva (BRASIL, 2004).

Foram, então, realizadas dinâmicas pensando nessa deficiência auditiva, em que as pessoas possuem dificuldade para escutar ou que possuem a completa ausência da audição.



Dinâmica 5 - O mundo sem som: o participante recebeu um papel com uma frase e tinha que repetir o que estava escrito, sem emitir som, apenas movendo os lábios, para que o outro tentasse adivinhar a frase através da leitura labial.

Dinâmica 6 – Comunicação visual: o participante utilizou um fone/headphone com música clássica, para evitar escutar o barulho do ambiente. O restante dos participantes (mais de duas pessoas) estava em uma roda de conversa. O que estava com o fone observava e tentava participar da conversa, que durou no máximo cinco minutos (Figura 5).



Figura 5 – Dinâmica 5 - Comunicação visual.

Fonte: elaboração própria.

Dinâmica 7 – Libras é mímica?: os participantes receberam um papel com uma frase que não podiam mostrar para ninguém, apenas demonstrar através de gestos ou mímica. Não foi necessário que os participantes descobrissem a frase para terminar a dinâmica. Integrantes da equipe com o conhecimento de Libras interpretaram a frase. Em seguida, abriu-se a discussão sobre a diferença entre mímica e Libras (Figura 6).



Figura 6: Dinâmica 6 - Libras é mímica?

Fonte: elaboração própria

Antes de aplicar as dinâmicas ao público, foi feito um teste entre a equipe do Projeto, para confirmar a eficácia e a necessidade de realizar alterações. Após essa fase, as atividades foram aplicadas aos acadêmicos da UFVJM no campus JK, localizada no município de Diamantina/MG, em seguida, no evento da “Semana Nacional de Ciência e Tecnologia”, ocorrido



no segundo semestre do ano 2019, em Diamantina/MG, e, por fim, na Escola Estadual Mestra Virgínia Reis, em São Gonçalo do Rio das Pedras, distrito de Serro/MG, onde, em conjunto, realizou-se uma oficina a respeito do tema na comunidade quilombola local (Figura 7).



Figura 7: Oficina em São Gonçalo do Rio das Pedras/MG.
Fonte: elaboração própria.

Após a realização das dinâmicas, os participantes relataram quais dificuldades foram encontradas e como poderiam solucionar a questão da falta de acessibilidade, para garantir uma melhor qualidade de vida para as pessoas com deficiência.

3. Resultados

Foi aberto o momento de discussão entre os membros do Projeto e as pessoas que vivenciaram as dinâmicas aplicadas. Em discussão, foi possível identificar que, em todas as situações, houve dificuldade dos participantes: muitos relataram que seria impossível a realização de determinadas atividades. Os participantes que possuíam alguém próximo com deficiência relataram que já sabiam das dificuldades, mas que entenderam melhor as dificuldades encontradas nas deficiências e demonstraram uma maior empatia. Outros participantes, que não conviviam com pessoas com deficiência, relataram que não imaginavam que pequenas situações do dia a dia poderiam ser uma grande barreira para algumas pessoas.

Como resultado, observamos que todos se sensibilizaram em relação à acessibilidade, pois vivenciaram as dificuldades que os deficientes enfrentam no decorrer da vida e em suas atividades de vida diária. Para cada dinâmica, tivemos as perspectivas abaixo:

Caixa surpresa: durante essa dinâmica, foi observado que, em muitos dos objetos, era impossível identificar o seu conteúdo, sua cor e suas especificidades, o que dificulta a escolha do produto para um deficiente visual.



Passeio cego: observamos, nessa dinâmica, o quanto as pessoas se sentiram inseguras ao andar pelo local. Só com a presença do guia foi possível amenizar essa insegurança.

Desenho cego: nessa dinâmica, foi possível observar as dificuldades com as habilidades motoras para a escrita sem a presença da visão.

Atividades diárias: foram observadas dificuldades para realizar tarefas diárias, como calçar um sapato, amarrar um tênis, colocar um colar. Foi demonstrado que é possível realizar essas tarefas fazendo algumas adaptações, no dia a dia, para facilitar a execução da atividade.

O mundo sem som: encontramos as dificuldades, nas pessoas, para realizar a leitura labial — para um deficiente auditivo também é uma tarefa difícil, o que requer muito treino.

Comunicação visual: observamos as dificuldades, dos participantes que estavam com o fone, tanto em participar da conversa quanto em interagir e, também, das pessoas que estavam na roda de conversa, em incluir a pessoa que estava com o fone. Dessa forma, focamos na empatia das pessoas para prestar atenção no deficiente auditivo e incluí-lo na conversa.

Libras é mímica?: nessa dinâmica, contextualizamos o que é Libras e sua importância para a comunidade surda. Muitos não sabiam que Libras é diferente de mímica, e que a mímica pode ser várias coisas, o que torna mais difícil a contextualização da conversa.

Oficina em São Gonçalo do Rio das Pedras: como resultados, obtivemos relatos dos participantes que tinham parentes próximos na família com deficiência e que, depois da oficina, observaram como o mundo pode ser mais complicado para essas pessoas. Além disso, perceberam que ainda há muito pouca acessibilidade onde vivem.

Seguem alguns relatos dos participantes, feitos oralmente, após as dinâmicas:

Pessoa 1: “Durante o passeio cego, pensei que estivesse alguém chegando ao meu lado em todo momento.”

Pessoa 2: “Tudo isso o cego sente todos os dias. Por que, quando estamos na rua e observamos um cego caminhando, não o abordamos e perguntamos onde ele quer ir e se precisa de auxílio? Nós não nos colocamos no lugar do outro. Isso é um ponto de se colocar.”

Pessoa 3: “Durante o passeio cego, quando o guia me soltou, comecei a cair justamente para o lado que o guia estava, perdendo o equilíbrio. O cego não tem apoio, por exemplo, ele precisa encontrar um ponto de equilíbrio.”

Pessoa 4: “Parecia que tinha um buraco na minha frente, que tinha alguém chegando perto de mim. Além disso, com essa experiência, consegui perceber que os prédios daqui não têm acessibilidade nenhuma para o cego.”

Pessoa 5: “Parecia que o caminho não tinha um fim, que a rua não chegava.”

Pessoa 6: “Senti que os sentidos auditivos se apuraram, os sons ficaram mais altos.”



Pessoa 7: “Durante a dinâmica do desenho cego, senti dificuldade para seguir a linha do papel. O nome e os números ficaram desalinhados.”

Pessoa 8: “Com a dinâmica da caixa surpresa, alguns objetos foram possíveis de identificar com o tato, porém características específicas do objeto, como cor, composição e marca, não foram possíveis de identificar. Acredito que isso seja uma dificuldade vivenciada pelo cego, já que não são todos os objetos que possuem o braile para facilitar a identificação.”

Pessoa 9: “Na dinâmica da atividade diária, percebi que pessoas que têm limitações físicas podem demorar mais para realizar do que aquelas que não têm, e é necessário se colocar no lugar delas para ter mais paciência.”

Pessoa 10: “Quando a pessoa falou a frase sem a voz, foi difícil entender de primeira e tive que fazer um esforço pra tentar entender nas vezes que estava repetindo.”

Pessoa 11: “Por eu já ter convivido com um surdo, adaptei e aprendi a ler lábios por causa dele. Por isso, o jogo de leitura labial (Dinâmica 5 - O mundo sem o som) não foi tão difícil pra mim.”

Pessoa 12: “Nossa, a Dinâmica 6 - Comunicação visual achei mais difícil que a Dinâmica 5 - O mundo sem o som, pois é muita gente falando, sem pausa, e, algumas vezes, eu tinha que procurar quem estava falando. Só deu pra saber o assunto que estavam falando, sem saber bem o contexto, e, por isso, não consegui interagir na conversa.”

Pessoa 13: “Nessa dinâmica se nota que tem uma grande diferença entre Libras e mímica, e consegui perceber melhor a importância de todos saberem pelo menos o básico da Libras.”

Pessoa 14: “Tem muitas palavras que eram impossíveis fazer mímica, e, quando vi traduzirem essas para Libras, vi que é bem mais prático.”

4. Considerações finais

Após a aplicação das dinâmicas, despertou-se, no público, uma maior sensibilização e uma maior empatia às pessoas com deficiência. A experiência de vivenciar, por alguns minutos, as limitações do outro confirmou, para os participantes, a importância da acessibilidade para que uma pessoa com deficiência possa se integrar à sociedade. Sabe-se que ainda são muitos os desafios para que a inclusão ocorra de fato, mas, até lá, projetos como esse podem despertar a conscientização e sensibilizar para a causa, sendo a esperança de um futuro menos discriminativo e mais empático.



Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS (ABNT). **NBR 9050: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2004.

BRASIL, **Decreto nº 5296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta a Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas específica, e a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, 2004.

BRASIL. **Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Acessibilidade**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

BRASIL, **Lei n. 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: L13146 <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em: 06 març. 2020.

HOLANDA, C. M. A. et al. **Redes de apoio e pessoas com deficiência física: inserção social e acesso aos serviços de saúde**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 1, p. 175-184, 2015.

NERI, M. C.; SOARES, W. L. **Idade, incapacidade e o número de pessoas com deficiência**. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, v. 21, n. 2, p. 303-321, jul/dez., 2004.

OLIVEIRA, C. B. **Jovens deficientes na universidade: experiências de acessibilidade?**. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 55, p. 961- 984, out- dez., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n55/09.pdf>>. Acesso em: 16 març. 2020.

VILLAROUCO, Vilma. **Desenho universal: caminhos da acessibilidade no Brasil**. Pós. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, v. 18, n. 29, p. 290-292, 2011.



**AWARENESS TO ACCESSIBILITY:
A TEACHING PROJECT ON HEARING, PHYSICAL
AND VISUAL DISABILITIES**

Abstract

The present study is characterized as an extension activity, in which actions related to accessibility were carried out as a way of providing experiences that are commonly faced by people with physical, hearing and visual disabilities. Regarding the methodology, dynamics were elaborated for each type of disability in order to involve the participants in order to raise awareness about the deficiencies and promote empathy. In the end, it was observed in the participants a greater empathy for people with disabilities and an awareness of the importance of accessibility so that it is possible to integrate even more people with disabilities. There are still many challenges for accessibility for people with disabilities, but projects like this contribute to raise awareness and raise awareness in society to minimize barriers related to accessibility.

Keywords

Accessibility; Sensitize; University Extension.

**CONCIENCIA A LA ACCESIBILIDAD: UN
PROYECTO DE ENSEÑANZA SOBRE
DISCAPACIDADES AUDITIVAS, FÍSICAS Y
VISUALES**

Resumen

El presente estudio se caracteriza por ser una actividad de extensión, en la cual las acciones relacionadas con la accesibilidad se llevaron a cabo como una forma de proporcionar experiencias que comúnmente enfrentan las personas con discapacidades físicas, auditivas y visuales. Sobre la metodología, se elaboraron dinámicas para cada tipo de discapacidad con el objetivo de involucrar a los participantes para crear conciencia sobre las deficiencias y promover la empatía. Al final, se observó en los participantes una mayor empatía por las personas con discapacidad y una conciencia de la importancia de la accesibilidad para que sea posible integrar aún más personas con discapacidad. Todavía hay muchos desafíos para la accesibilidad por parte de las personas con discapacidad, pero proyectos como este contribuyen a crear conciencia en la sociedad para minimizar las barreras relacionadas con la accesibilidad.

Palabras clave

Accesibilidad; Sensibilizar; Extensión
universitaria.